

## DE OKONKWO A NIENYEDZI: A RESISTÊNCIA À DESCULTURALIZAÇÃO DE SUAS CRENÇAS E TRADIÇÕES

Sheila Dias da SILVA  
Universidade Federal de Mato Grosso  
E-mail: sheilasilvaufmt@gmail.com

**Resumo:** Inúmeras foram as formas de resistência dos nativos africanos frente ao europeu colonizador. Não houve passividade, e sim inúmeras revoltas, armadas ou não. A preservação das crenças e das tradições dos ancestrais foi uma dessas formas de resistência. No romance *Things fall apart* (1994 [1958]) de Chinua Achebe, encontramos Okonkwo, guerreiro Igbo fiel às tradições de seus antepassados, lutando contra a invasão branca que injeta na aldeia novas crenças, novas leis. Ele resiste até o fim, mas quando seu primogênito, Nwoye, se converte à religião do invasor, ele perde as esperanças. Depois de perceber as mudanças em Umófia, sua aldeia, Okonkwo se suicida. Já em *Without a name* (1994) de Yvonne Vera, Nyenyedzi, mesmo sendo secundário na trama, não passa porque resiste em deixar a terra e partir para a cidade grande. Ele comunga da esperança de vê-la livre do colonizador. Para ele, abandoná-la era esquecer-se de seus antepassados, de sua cultura, admitindo sua tomada pelo estrangeiro. Permanecer na terra é sua forma de resistir, assim como o suicídio de Okwonko também o foi. Assim, o objetivo deste trabalho é traçar um paralelo entre os dois personagens e seus motivos de resistência, demonstrando suas semelhanças e distanciamentos.

**Palavras-chave:** resistência; Chinua Achebe; Yvonne Vera.

### 1. Introdução

As grandes potências europeias do século XIX, durante o período conhecido como a corrida imperial, dividiram a África, de acordo com seus interesses coloniais. Essa isão criou conflitos na sociedade africana, problemas étnicos, econômicos e políticos. A suposta superioridade europeia, por si só, era uma forma de dominação dos povos nativos africanos.

Colonizar outros países era tirar proveito dessas populações. Era desfrutar dos benefícios de seus inúmeros recursos naturais e, em troca, levar às populações tradicionais desses locais uma cultura intelectual, social, artística e literária. Segundo os europeus do período, a cultura e os modos de vida dos nativos eram inferiores. Era muito forte a concepção de superioridade racial, de acordo com a qual a “raça branca europeia” era considerada superior à “raça negra” africana.

Para o europeu, o africano era visto apenas como o “negro”. A essa negritude, se atribuía “um amplo espectro de significações negativas tais como frouxo, fleumático, indolente e incapaz, todas elas convergindo para uma imagem de inferioridade e primitivismo” (HERNANDEZ, 2003, p. 18). Podemos somar a isso, ainda, o fato de serem considerados selvagens por não serem cristãos. Assim, com o intuito de levar a “verdadeira religião” aos “selvagens”, eles se lançaram ao mar, atravessando o Mediterrâneo e o Atlântico, para levar essa “fé cristã” a outros povos.

A chegada do colonizador ao continente africano, no entanto, não foi aceita de forma passiva. Pelo contrário, encontrou sim certa resistência por parte dos habitantes nativos. A

dominação imperial só conseguiu se impor, através de u relação de força e de poder superior por meio da conquista militar e política. Para Edward Said (1999), “[o] contato imperial nunca consistiu na relação entre um ativo intruso ocidental contra um nativo não ocidental inerte ou passivo; sempre houve algum tipo de resistência ativa e, na maioria esmagadora dos casos, essa resistência acabou preponderando” (SAID, 1999, p. 12).

Essa tentativa de dominação foi justificada por uma série de discursos e formas para que se compreendesse a necessidade de submissão de outros povos diante da suposta superioridade da cultura europeia. Para Ngugi wa Thiong’o (1986) a colonização da mente dos povos nativos era mais insidiosa que a ocupação física, ou seja, muito mais que controlar a riqueza do povo, queria-se controlar a “esfera inteira da linguagem da vida real”.

O colonialismo impôs seu controle de produção social da riqueza através da conquista militar e da ditadura política subsequente. Mas a mais importante mais importante área de dominação foi o universo mental do colonizado, o controle, através da cultura, de como as pessoas se percebiam e ao seu relacionamento com o mundo. O controle econômico e político nunca pode ser completo ou efetivo sem o controle mental (NGUGI, 1986, p. 16, tradução minha).

Para Boehmer (1995) “[o] colonialismo envolve a consolidação do poder imperial, e manifesta-se na ocupação do território, na exploração ou no desenvolvimento de recursos, e na tentativa de governar os habitantes indígenas das terras ocupadas” (BOEHMER, 1995, p. 2, tradução minha). É assumir a autoridade de um território, ou seja, a expressão em ostentação e simbolismo, assim como o poder militar” (BOEHMER, 1995, p. 2, tradução minha).

Para Bill Ashcroft, Gareth Griffiths e Helen Tiffin (1989), a toda cultura afetada pelo processo imperial a partir da colonização até os dias de hoje, dá-se o nome de pós-colonial. John McLeod (2002) entende o pós-colonialismo como diferentes formas de representações, práticas da leitura e valores, novas formas de ler, questionando antigas representações e antigos discursos, e que não deve ser visto como uma simples periodização histórica.

Assim, é através da literatura, que os escritores encontraram a forma de demonstrarem que estão ligados às ideologias de lutas do seu povo com o intuito de se libertarem do jugo do colonizador. Neste trabalho, então, destaco dois autores africanos que escrevem sobre suas nações, Chinua Achebe da Nigéria e Yvonne Vera do Zimbábue e suas respectivas obras, *Things fall apart* (1994 [1958]) e *Whitout a name* (1994), com seus respectivos personagens Okonkwo e Nyenyedzi. O intuito é refletir sobre as semelhanças e/ou distanciamentos entre esses personagens e suas relações de resistência ao colonizador.

## 2. A resistência em Okonkwo e Nyenyedzi

Tanto a Nigéria quanto o Zimbábue passaram e ainda passam por um período de turbulência e transformação social, política e econômica, fato este que se arrasta desde o início do século XX, compreendendo a época da colonização inglesa, os governos de minoria branca, a guerra civil, a independência. A Nigéria conseguiu sua independência da Inglaterra no ano de 1960, no entanto, até hoje, convive com os conflitos internos. Já o Zimbábue, alcançou à custa de muito sofrimento sua independência em 18 de abril de 1980.

Para o escritor nacionalista zimbabuense Ropert Muponde (2002), é impossível pensar numa literatura africana especificamente do Zimbábue sem relacioná-la diretamente aos acontecimentos da luta dos nativos pela retomada de suas terras, pela descolonização. E é essa

“aparente” liberdade da opressão e exploração do branco que impulsiona a publicação de romances pós-coloniais escritos no país em língua inglesa, a língua imposta pelos europeus, ou seja, o nascimento da ficção nesses países está diretamente ligado à sua peculiar história e às diversas crises entre colonizadores e colonizados que culminaram finalmente na emancipação política dos mesmos. Inclusive, uma das grandes polêmicas que envolvem os escritores pós-coloniais é a questão da escolha da língua para produzir suas obras. Havia a necessidade de se expressar numa língua que possibilitasse a impressão de uma consciência nacional ampla, coisa que as inúmeras línguas indígenas eram geralmente sentidas como sendo incapazes de fazer, pois eram identificadas com seus respectivos grupos de falantes étnicos.

A escolha da linguagem e do uso que a língua é posta, é central para a definição de um povo, de si em relação ao seu ambiente natural e social, de fato, em relação a todo o universo. Daí a linguagem tem sido sempre o centro das forças em conflito social na África do século XX (NGUGI, 1986, p. 4).

Assim, impor a língua do colonizador inglês nas colônias foi uma forma de tentar colonizar a mente. A linguagem foi o meio de esquecer o passado, a história, as tradições, a cultura de um povo. Nesse caso, a colonização é vista por Ngugi não como uma questão de força física, mas como uma subjugação psicológica ou espiritual. Quando se propaga que a cultura verdadeira é a do colonizador, quando se despreza a tradição oral ou a oratura, devasta-se a cultura do nativo.

Os valores são a base da identidade de um povo, o seu sentido de particularidade como membros da raça humana. Tudo isto é realizado através da linguagem. Linguagem como a cultura é o banco de memória coletiva da experiência de um povo na história. Cultura é quase indistinguível da linguagem que torna possível a sua gênese, desenvolvimento, banco de articulação, e de fato a sua transmissão de uma geração para a seguinte (NGUGI, 1986, p. 15).

Em *Lifting the sentence. A poetics of postcolonial fiction* (2000), Robert Fraser define como pós-coloniais as literaturas que se originaram em países que passaram e foram além do jugo ou sentença do colonialismo. Para ele, esse processo não foi simplesmente gradual. Envolveu também mudanças acentuadas, reviravoltas e contradições. Ele se refere principalmente à prosa narrativa, dividindo-a em seis estágios: narrativas pré-coloniais, coloniais ou imperiais, de resistência, de construção da nação, de dissidência interna e narrativas transculturais.

Levando em consideração o esquema das fases de Fraser, podemos dizer que o romance do nigeriano Chinua Achebe, *Things fall apart* é uma narrativa de resistência, já *Without a name*, uma narrativa pós-colonial transcultural, pois foi escrita por uma autora que se posiciona na diáspora e escreve em inglês sobre seu país de origem, estando voltada principalmente para um público internacional. Isso sem falar da época em que foi produzido, o ano de 1994, um momento em que o antigo nacionalismo que norteou fases anteriores da literatura africana é abandonado em favor de uma visão mais crítica e diluída da nação.

Nas narrativas de resistência e de construção da nação, existe normalmente uma coincidência entre os autores e o que pensam os movimentos nacionalistas. No entanto, com a independência, segue-se a decepção. Começa a existir um afastamento entre os autores e os líderes políticos. No romance de Vera, a autora se identifica com os problemas do povo, no

entanto, não com suas lideranças. Nessa obra, ela demonstra as contradições do movimento de libertação.

Em *Things fall apart* (1959) Chinua Achebe conta a história de uma aldeia igbo, cujo personagem central é Okwonko, que durante toda sua vida quis ser importante e diferente do pai fracassado, Unoka. Para tanto se destacou como lutador – um prestígio grande na sociedade Ibo – como guerreiro nas guerras contra outros clãs e como trabalhador. Dentro daquela sociedade, à medida que é bem sucedido, um homem vai ganhando títulos e ascendendo na escala social. E Okonkwo ascende sempre implacável, sempre escondendo os próprios sentimentos.

Okonkwo acredita ser o representante mais fiel da tradição de seu povo, ele lutará com todas as suas forças para manter aquilo que acredita ser a verdadeira essência de seu modo de vida: sua tradição guerreira ancestral. Segundo Alberto da Costa e Silva (2009) em sua Introdução à obra em português de Achebe, neste romance,

narra-se o começo da desintegração de uma cultura com a chegada, ao mundo fechado que lhe protegia a unidade de valores, d estrangeiro com armas mais poderosas, e de pele, costumes e ideias diferentes. E conta-se a história de um homem que se fez forte no adubo íntimo da fraqueza e a quem o medo de ser débil finalmente derrota (SILVA, 2009, p. 7).

Essa obra está dividida em três partes no que diz respeito a sua estrutura. Na primeira, vemos as ações de Okonkwo, sua luta por não parecer com o pai, sua ascensão. O leitor tem a visão panorâmica de como é formada a sociedade igbo – por homens livres, escravos de pessoas, pelos osus (os escravos de divindades), mães de gêmeos e pessoas sem títulos. Umuófia é uma aldeia representada aqui de forma independente. Nessa parte, a presença britânica ainda não se fez sentir.

É nessa parte da obra que Okonkwo comete alguns crimes contra Ani, deusa da terra. Ele agride uma de suas esposas na Semana da Paz, sendo que não era permitido nenhuma forma de violência contra os membros da coletividade. A esse fato se junta ainda a morte acidental de um rapaz numa cerimônia fúnebre e ele é obrigado a se exilar na aldeia de sua mãe como punição.

Na segunda parte, já em Mbanta, ele recebe a visita do amigo Obirieka e toma conhecimento da presença do homem branco em Umuófia e aldeias vizinhas. Numa dessas visitas, ele e seu amigo discutem o fato de seu filho primogênito Nwoye ter se convertido à religião do colonizador.

O primogênito de Okonkwo já não aceitava o fato de que seu pai participara da morte de seu amigo Ikemefuna, inclusive, dando o golpe fatal com seu facão, ainda não concordava com o fato de as pessoas descartarem as crianças gêmeas na Floresta Maldita. Inúmeros eram os motivos que o levaram a pensar na nova religião como uma solução para suas indagações. Assim, ele é tomado aos poucos pela poesia da nova religião e encontra conforto ali.

Os missionários cristãos estavam por toda parte e acabaram ganhando dos nativos um local para a construção de sua igreja, uma parte da “Floresta Maldita”. Para os nativos, seus deuses exterminariam rapidamente os intrusos, mas não foi isso o que aconteceu. Assim, o povo passou a acreditar que o deus do homem branco era mais forte que suas divindades.

O homem branco trouxera não apenas uma religião, mas também um governo. Dizia-se que os missionários tinham construído um local de julgamento em Umuófia, a fim de proteger os prosélitos de sua religião. Dizia-se até mesmo que tinham enforcado um homem que matara um dos missionários. (ACHEBE, [1958] 2009, p. 177).

Assim, já na terceira e última parte, Okonkwo retorna a Umuófia. No entanto, sua aldeia já não é mais a mesma de sete anos atrás. Para ele, o clã fora corrompido com a chegada do homem branco. Ele era tão arraigado aos seus valores e às suas aquisições pessoais que não se adaptaria de maneira alguma. Finalmente a noca fé se expandira e com ela se estabelecera uma administração sujeita ao império britânico. O maior desengano de Okonkwo foi que muitos membros de seu clã, passado o período de estranhamento, estavam aceitando as mudanças de forma positiva. Estavam se conformando e adaptando ao novo sistema.

Havia em Umuófia muitos homens e mulheres que não compartilhavam as mesmas opiniões hostis de Okonkwo sobre o novo regime. O homem branco realmente trouxera uma religião maluca; mas, ao mesmo tempo, construíra um entreposto, fazendo com que pela primeira vez o óleo e as sementes de palmeira atingissem preços elevados e que uma grande quantidade de dinheiro afluísse a Umuófia (ACHEBE, [1959] 2009, p. 200).

Em virtude da paixão incontrolável pelos valores tradicionais e de sua visão de não permitir ser mudado, ser corrompido pelo homem branco, pela cultura do outro, por valores deste forasteiro, Okonkwo prefere o suicídio a curvar-se perante o colonizador. Mesmo sabendo da impossibilidade de ser enterrado pelos seus próprios pares em sua própria terra.

Já no romance de Vera, a história gira em torno de Mazvita, uma mulher que deixa sua cidade natal, Mubaíra, após ser violentada por um soldado da libertação. Ela tem a esperança de um recomeço na cidade grande, Harare. Contudo, ela percebe que lá será apenas uma pessoa sem nome, uma mulher sem importância, misturada a muitas outras.

Em meio ao conflito pela libertação desse trauma, ela encontra Nyenyedzi, um trabalhador de uma fazenda de tabaco, com quem acaba se envolvendo numa cidade intermediária entre sua aldeia natal e Harare, mas ele não a faz superar o trauma anterior do estupro. Nyenyedzi, no entanto, apesar de ser um personagem secundário na trama chama a atenção pelo seu enorme respeito pela terra de seus ancestrais. Ele se recusa a sair da terra e ir para a cidade grande.

Nyenyedzi, ainda pode ser visto como o protetor de Mazvita, um homem que não teme a guerra, no entanto, não aceita sair da terra, pois teme se perder na cidade grande. “Em um lugar grande como aquele. Nós estaremos perdidos. Nós vamos mesmo perder um do outro” (VERA, 1994, p. 30, tradução minha).

“Perder-se” nesse caso, pode ser visto como perder sua cultura, perder sua identidade. Ele resistia à influência do branco colonizador. Permanecer na terra era sua forma de resistir, pois em Harare poderia esquecer até de sua própria mãe, ou seja, de si próprio, de quem era.

Eu gosto da terra. Eu não posso deixar a terra e ir para um lugar inóspito, estranho. Tenho ouvido histórias terríveis sobre Harare. Todos transportam uma faca lá. Uma faca que você pode dobrar e colocar em seu bolso. A faca que você pode abrir rapidamente quando está em apuros. Imagine um lugar com uma faca. [...] Você não pode confiar nem na sua sombra em um lugar como aquele. Algumas pessoas roubaram e mataram seus pais naquele lugar. Que tipo de lugar é esse? (VERA, 1994, pp. 30-31, tradução minha).

Para ele que ele pudesse ser fiel à terra, era necessário permanecer nela. “Afastar-se da terra é admitir que ela tenha sido tomada. É abandoná-la” (VERA, 1994, p. 38). Ainda

comungava da crença que a terra não pertencia a eles e sim a seus antepassados e por eles, ela deveria ser mantida.

Só o que podemos levar entre nossos dedos pode pertencer a nós. Ninguém pode ser dono da terra. Por isso é verdade que estamos lutando contra os estrangeiros para que eles saiam, e possamos proteger terra. Eles são estranhos à terra. Nossos pés são muito mais donos da do que as reivindicações de suas bocas, muito mais do que as reivindicações de seus dedos. A terra só reconhece quem trabalha sobre ela. Ela conhece a nossa respiração e nosso suor (VERA, 1994, pp. 38-39, tradução minha).

Nyenyedzi nutre, pelos motivos já discutidos, um sentimento adverso pela terra, uma verdadeira devoção, tipicamente nacionalista. Ele se enquadra como o defensor da retomada territorial pelos nativos e que resiste à ideia de deixar a terra e partir para a cidade grande:

Sem a terra não há dia ou noite, não há sonho. A terra define nossas singularidades. Não há reza que alcance nossos ancestrais sem a benção da terra. Terra é nascimento e morte. Se concordarmos que a terra nos esqueceu, então concordamos em estar mortos (VERA, 2002, p. 40).

Tanto Okonkwo quanto Nyenyedzi, são representantes da ancestral de seus respectivamente povos. Cada qual a seu modo, ambos resistiram à cultura do homem branco. Um dos pontos onde eles se assemelham está na ligação com a terra. Para os ibos, a terra era muito importante, assim como para Nyenyedzi. Era dela vinha seu alimento. É na terra que estão enterrados seus antepassados. Ambas as culturas, acreditam que os espíritos dos antepassados estão em constante retorno. Por isso, o local onde são enterrados se torna sagrado também. Em particular no caso de Okonkwo, seu desespero era que, com a conversão de seu filho a outra religião, quando ele morresse, se espírito não seria mais eterno, pois quem iria fazer os sacrifícios no altar para ele? Com morte, morre também a cultura igbo tradicional intocada, para o nascimento de outra cultura, mas é claro que os resquícios da cultura anterior ainda permanecerão.

### Considerações finais

Essas duas obras, apesar de tratarem da resistência africana frente ao colonizador europeu, distinguem-se uma da outra pelos seus diferentes aspectos, sejam culturais, políticos ou religiosos. O que esses romances têm em comum, além de suas especiais e distintas características regionais, é que eles surgiram em sua forma atual a partir da experiência de colonização e afirmaram, no primeiro plano, a tensão com o poder imperial e enfatizaram suas diferenças em relação aos pressupostos do centro imperial. É isso que os torna distintamente pós-coloniais.

Ainda deve ser levado em conta que foram escritos em períodos diferentes, países diferentes que retratam duas culturas diferentes. Enquanto que em *Things fall a part*, vemos a chegada do homem branco na Nigéria, em *Without a name*, o colonizador já se apoderou da terra e o colonizado está em luta para expulsá-lo.

A conversação de Nwoye, o primogênito de Okonkwo, simbolicamente representa a uma ruptura dos povos igbos com suas tradições. Pode-se dizer que é a entrada dessa população ao novo mundo. Aceitar a religião do homem branco é o começo da aculturação. O rapaz ainda tem esperança de levar toda sua família para a igreja.

Okonkwo falhou. No entanto, ele não percebeu que até mesmo sua tão ferrenha crença nos valores tradicionais tinha falhas. Ora, Okonkwo rompeu o tratado da Semana da Paz, ao espancar sua terceira esposa, não que isso fosse errado para sua cultura. O erro estava em agredir algum parente, algum familiar durante aquela semana. No entanto, ao matar Ikemefuna, o jovem ao qual ele havia se apegado e que o tratava como filho, ele desobedeceu ao oráculo. Assim, esse erro, pode-se dizer moral, foi o começo do trágico fim da história pessoal dele. Já Nyenyedzi, por seu apego a terra, perdeu Mazvita, a quem ele chamava de Howa (Amor). No romance de Vera, o leitor não fica sabendo o que acontece com ele, após ter sido abandonado por Mazvita.

Após essas explanações acerca desses dois personagens, notamos que a colonização, exploração e posteriormente a descolonização da África foram processos extremamente dolorosos para todos os povos nativos daquele continente. As grandes potências decidiram suas vidas sem respeitar suas etnias, suas religiões, tudo em troca de aumentar seu capital, aumentar seu império. Assim, pode-se dizer que as questões étnicas não se relacionam em todos os momentos às questões da luta de classe, obviamente. Os processos de opressão cultural são na prática mais complexos que as questões econômicas. Porém, ainda que se tenha este último princípio como base, não se pode negar que o processo de colonização da África ligou-se estreitamente ao processo de acúmulo internacional capitalismo moderno, sem o qual fica difícil imaginar a consolidação desse tal como o vemos hoje. Foi sobre os ossos da África que a Europa pôde concentrar mais riqueza, mais poder.

## Referências

- ACHEBE, Chinua. **Things Fall Apart**. New York: Anchor Books, 1994 [1958].
- \_\_\_\_\_. **O mundo se despedaça**. Tradução de Vera Queiroz da Costa e Silva. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. **The Empire Writes Back**. London; New York: Routledge, 1993 (1989).
- BOEHMER, Elleke. **Colonial & Postcolonial Literature**. Oxford; New York: Oxford University Press, 1995.
- FRASER, Robert. **Lifting the sentence. A poetics of postcolonial fiction**. Manchester; New York: Manchester University Press, 2000.
- HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. **A África na sala de aula Visita à História Contemporânea**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2003.
- MUPONDE, R., The Sight of the Dead Body: Dystopia as Resistance in Vera's *Without a Name*. In: MUPONDE, R., e TARUVINGA, M. M., Eds. *Sign and Taboo: Perspectives on the Poetic Fiction of Yvonne Vera*. Harare/Oxford: Weaver Press/James Currey, 2002. p. 117-126.
- McLEOD, John. **Beginning postcolonialism**. Manchester; New York: Manchester University Press, 2000.
- NGUGI, wa Thiong'o. **Decolonising the Mind. The Politics of Language in African literature**. London; Nairobi; Portsmouth: James Currey, 1986.
- SAID, Edward. **Orientalism**. London; Henley: Routledge; Kegan Paul, 1978.
- SILVA, Alberto da Costa e. **Introdução: Este mundo de Chinua Achebe** In: *O mundo se despedaça*. Tradução de Vera Queiroz da Costa e Silva. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- VERA, Yvonne. **Without a Name and Under the Tongue**. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1994a.